



O Jornal Nacional e a Educação Brasileira Contemporânea: Análise de uma Série de Reportagens Especiais e sua (In)Formação Cidadã¹

Juliana de Amorim Rosas²

Resumo

O presente artigo foi baseado noutro da mesma autora sobre sociologia da educação e traz, portanto, considerações sociológicas e de autores que dissertaram sobre educação. Ambos os escritos tiveram como base a série de reportagens especiais realizadas pelo Jornal Nacional e exibidas entre 09 e 13 de maio de 2011, intituladas “Educação: o desafio da qualidade”. Desenvolvemos este artigo partindo do pressuposto que o cidadão é o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que um dos objetivos da escola enquanto instituição é formar o cidadão. A televisão brasileira enquanto concessão pública também deveria ter a preocupação de exercer a cidadania e prover o direito constitucional à informação. Nessas reportagens em particular, cumpre um exercício de mídia cidadã ao fiscalizar e informar sobre o trabalho do Estado e seu dever de prover educação a crianças e jovens.

Palavras-chave: educação, educação brasileira, cidadania, televisão, reportagem.

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Jornalista; especialista em “Sociologia, educação e cidadania”; mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: rosasjuliana@yahoo.com.br

Introdução

A série de reportagens “Educação: o desafio da qualidade” do Jornal Nacional (emissora Rede Globo) exibidas entre 09 e 13 de maio de 2011, serviu de mote para o presente trabalho. Durante cinco dias, o telejornal exibiu reportagens abordando diversas características da educação brasileira contemporânea, seus males e alguns acertos, problemas nos ensino fundamental e médio, formação dos professores, aspectos físicos da escola. Ao decidir realizar uma série de reportagens especiais abarcando todos esses aspectos, a equipe jornalística teve um considerável trabalho, apanhou diversos exemplos, dados, estatísticas e pontos de vista. De fato, é uma série que mostra os problemas da nossa educação e o que o Governo, por meio de políticas públicas, e sociedade, por meio de atores coletivos poderiam fazer para melhorá-la.

Acreditamos que esse tipo de reportagem, chamada especial por tratar determinado tema com maior abrangência, sair do formato tradicional e conter mais personagens e consequentemente vozes e discursos diversificados, é a que de fato acaba cumprindo com mais rigor o papel cidadão da mídia. Isso porque em sua imensa maioria, notícias ou reportagens televisivas costumam ter um espaço determinado e curto de tempo, tende-se a não aprofundar temas e a tratar o fato isolado, sem contextualizá-lo ou historicizá-lo. João Somma (2013) escreve que “estudos os mais diversos têm apontado a TV como veículo que apresenta um potencial educador, ou melhor, de formação do indivíduo e de efetivação de condições para que este possa exercer plenamente seus direitos e deveres de cidadão” (p. 07)

O acesso à informação, de maneira mais ampla, a aquisição de conhecimento sobre tudo o que envolve os cidadãos, sua vida individual e em comunidade, passa a depender diretamente de como se desenvolve o trabalho jornalístico na televisão, um dos principais veículos de comunicação no mundo globalizado. (...) Em seus mais de 60 anos, a televisão brasileira se transformou num dos principais instrumentos de informação e de formação para um enorme contingente populacional. Assim, acaba até hoje representando um importante papel na garantia do direito de livre acesso às informações o qual deve sustentar o exercício pleno da cidadania para um cada vez maior número de pessoas. (SOMMA, 2013, p. 04; 06)



Deixando de lado o aspecto jornalístico e cidadão, não podemos esquecer que há, naturalmente, um posicionamento político (ainda que negado) da emissora, haja vista que ao mostrar os problemas da educação pública brasileira, acaba colocando, direta ou indiretamente, governos estaduais, municipais e a União na mira da responsabilidade. Não aprofundaremos este assunto, mas este e muitos aspectos poderiam ser debatidos sobre o tema, mesmo tomando por base a referida série, uma vez que ela mostra os problemas da educação nos níveis fundamental, médio e superior; além de abordar aspectos formadores da escola, como alunos, diretores e professores, e fatores extraclasse também bastante relevantes, como merenda escolar, estrutura física, segurança, acompanhamento familiar, e tantos outros.

Na primeira reportagem da série, o apresentador William Bonner faz a chamada da matéria dizendo, energicamente, que “nosso objetivo é apresentar informações que ajudem a entender os problemas e a necessidade urgente de encontrar solução para eles. É urgente para nossas crianças, é urgente para o país”. O tom enérgico já demonstra um certo tom de crítica denunciante da série.

Na administração federal anterior, no Governo Lula, além da inclusão das crianças e jovens na educação, a meta era erradicar o analfabetismo infantil, fato que o governo garantiu como efetivado. A primeira reportagem mostrou que 98% das crianças encontram-se matriculadas em escolas, porém, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 700 mil crianças de 6 a 14 anos ainda estão fora dos bancos escolares. E apesar da ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos de duração, nem todos os que frequentam a sala de aula de fato aprendem o que deveriam.

No 5º ano do ensino fundamental, com crianças na média de 11 anos de idade, muitos ainda não conseguem ler. Saem desta série escolar sem dominar a leitura ou tornam-se analfabetos funcionais. O analfabetismo funcional acontece quando o indivíduo consegue “decifrar” palavras, mas não é capaz de interpretá-las ou entender o sentido de um texto. Outro grande problema na educação do ensino fundamental brasileiro é a falta de qualificação

dos professores. Em média nacional, apenas 14% destes professores têm nível superior. E a porcentagem é ainda menor nas regiões Norte e Nordeste.

Apesar dos problemas, a reportagem mostra que a etapa do ensino fundamental foi onde o Brasil mais cresceu nos últimos anos. Talvez este crescimento esteja na inclusão. Se a primeira meta era incluir, restaria agora melhorar a qualidade. E ainda estamos longe de atingir uma meta importante: alfabetizar todas as crianças até os oito anos. A partir desta idade, recuperar o tempo perdido fica cada vez mais difícil. Cursar o ensino fundamental em idade correta será base para toda a vida escolar. Em níveis biológicos, é quando o cérebro está apto a fazer o maior número de conexões. Crianças que não se alfabetizam no tempo correto terão dificuldades em coisas básicas, como a leitura (fundamental para a aprendizagem) para o resto da vida.

Estes jovens, com toda condição de escolaridade, que moram nas grandes cidades mas não dominam a leitura para seu desenvolvimento futuro, são os brasileiros que daqui a 30 anos serão trabalhadores, pais de família, eleitores, etc. É essa a geração que está sendo formada pelo atual quadro educacional brasileiro. Uma geração que não exercerá a sua cidadania. Não pelo menos no que o dicionário Aurélio descreve como cidadão: “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este”.

Denunciar este déficit educacional brasileiro, ainda que com todas as ideologias, é um serviço de cidadania da televisão. Tanto que ao longo da semana na qual foi exibido, conseguiu respostas, justificativas e feedbacks de governos municipais, estaduais e federal, por meios de secretarias de educação e também manifestação do Ministério da Educação.

O direito de ser informado é considerado, portanto, essencial para que qualquer pessoa possa exercer sua condição de cidadão, efetivando a consciência e ações plenas de cidadania, numa sociedade complexa e transformada por avanços científicos e graves contratempos de ordem pública. E o exercício do jornalismo em seu aspecto de profissão liga-se visceralmente ao desígnio constitucional, uma vez que ao longo da história se constitui como importante instrumento de acesso às informações para parcelas crescentes da população. Diante disso, a relação existente



entre o jornalismo, e mais especificamente o telejornalismo e as condições de formação e de exercício da cidadania na contemporaneidade, parece se estreitar cada vez mais. (SOMMA, 2013, p.03-04)

Uma das explicações para o baixo nível na qualidade desta educação está no fato de termos investido nisso (em termos nacionais e políticos) muito tardiamente. O Ministério da Educação, que começou a por em prática o que dizia a constituição colonial (educação gratuita e de qualidade para todos, entre outros), foi criado apenas nos anos 1930.

Pinceladas sociológicas: Durkheim e Bourdieu

Como dito, conseguiu-se que 98% de crianças em idade escolar estivessem estudando. Fato ocorrido principalmente com a criação de programas sociais que exigem a frequência escolar, como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) e o Bolsa Família. Dessa enorme porcentagem de crianças, a maioria vem de famílias onde elas são a primeira geração a frequentar uma instituição de ensino. Segundo os professores entrevistados na reportagem, essas crianças têm enorme dificuldade não somente para aprender, mas principalmente em entender o que é a escola, para que ela serve, qual a função e importância em sua vida.

Pierre Bourdieu afirma em seu livro “A reprodução”, que enquanto que para os segmentos sociais desfavorecidos a experiência escolar é um prolongamento da vida familiar, para os filhos das classes dominantes, a cultura escolar é a sua própria cultura. Aqui poderíamos interpretar que para essa geração para a qual a escola é uma descoberta, ela é algo alheio a si, não um prolongamento da vida familiar, pois a instituição era algo inexistente para seus progenitores. Já para alunos da classe média, de fato, frequentar a escola é algo natural, dado, sem tantas surpresas, é sua própria cultura e também um prolongamento do que foi ensinado no âmbito familiar. Além de ser um fundamento da formação cidadã.

Já partindo para outro sociólogo francês, Émile Durkheim provavelmente aprovaria a inclusão dos jovens na escola, ainda que por obrigação como parte da assistência dos programas sociais, pois a escola seria uma das instituições adequadas à recuperação da ordem



social. “A transmissão de conhecimentos, hábitos, crenças e costumes por parte dos professores permitiria a constituição da moral até então ausente da sociedade” (ATISANO, 2006, p.29). Para Durkheim, esta moral faltaria na sociedade moderna, por isso os jovens deveriam frequentar escola e com ela aprender a inserir-se na sociedade.

Como sabemos, Durkheim foi um grande defensor da moralidade. Na época em que viveu, com a decadência do poder da Igreja e de certos valores que uniam a sociedade, a moral seria o novo “cimento” a ligar a humanidade. Como nos lembra Regiane Altisano (2006, p. 33), “o Estado é um regulador social com o intuito de estabelecer a ordem na sociedade. A educação, sendo uma das funções do Estado, conseqüentemente, torna-se também reguladora dessa moral”.

Conhecido por ter criado uma sociologia da moral, para Durkheim, socializar é o mesmo que educar, ou seja, internalizar os traços constitutivos dos meios morais que cercam o indivíduo. O fim último da escola como reguladora social é “difundir uma moral laica, tradicional, que proporcionasse a coação social” (ATISANO, 2006, apud SOUZA, 1994, p. 33). Em outros termos, em meio à caótica sociedade moderna, a moralidade viria nos redimir. E quem seria responsável por manter a realidade? O Estado. E quem seria responsável pela escola? O Estado. Porém, veio Bourdieu e contrapôs esse enfoque durkheimiano ao afirmar que diante de tantas perturbações sociais, a escola não alcança uma estabilidade, e sim reproduz a multiplicidade de conhecimentos, as diferenciações sociais de classe, etc., e conseqüentemente, toda a moral constituinte dessa diversidade. (ATISANO, 2006, p.35)

Segundo Durkheim, a escola deveria preparar os jovens, por meio dos preceitos básicos, para a convivência na sociedade. Hoje, ela apresenta-se com esse intuito, porém, formando-os não para a interpretação e a análise crítica sobre a nova realidade e sim como instrumentos laboriosos para a nova tecnologia. Principalmente quando nos referimos à escola pública, que atende, em nossa realidade brasileira, a uma parcela considerável da população, mas que, ainda, não possui todo o equipamento quantitativo e qualitativamente necessário para a preparação desse novo agente social. (ATISANO, 2006, p.35)



Os problemas mencionados acima se constituem num grande enigma pelo qual passa a educação brasileira e cujo impasse ainda não foi resolvido. Já falamos dos problemas no ensino fundamental, porém o ensino médio foi o que menos evoluiu no Brasil, com o agravante da maior evasão escolar nesse estágio. É onde o governo menos investiu e, no entanto, quis corrigir tal erro no ingresso ao ensino superior. Ao promover a ampliação de vagas, cursos e cotas nas universidades públicas - especialmente federais - e a maior facilidade no financiamento das faculdades particulares, dar a entender que o país quer resolver o problema da educação brasileira com a simples entrada da população (ainda que despreparada) num curso de nível superior. Desse modo, tende-se a produzir analfabetos funcionais com diplomas na mão.

O Governo Lula fez a universidade pública crescer. O governo Dilma quer investir agora em cursos de nível técnico. Uma das discussões que se levanta é que isso reforça a ideia de que a universidade serve à elite e os cursos técnicos servem à maioria da classe baixa que necessita de uma ocupação.

O ex-ministro da Educação do Governo Dilma e atual prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, na reportagem opina que um dos motivos da evasão do ensino médio é a “tragédia” do vestibular, provocando um excesso de disciplinas e assuntos nem sempre necessários à vida escolar, profissional ou prática de quem estuda. Uma das alternativas seria criar um currículo mais enxuto e mais atraente para os alunos. Ainda sobre o currículo exaustivo, a opinião de uma educadora entrevistada é que “não é todo mundo que precisa aprender tudo”.

Considerações finais e ações futuras

Diante deste quadro, o que fazer enquanto cidadão? Bourdieu defendia a postura crítica do intelectual diante de um posicionamento político - elementos estes amalgamados em sua discussão sociológica. Ele se posicionou, por exemplo, contra o liberalismo e a globalização. Já se acusou Bourdieu de ser determinista. Seus defensores afirmam que o autor



nos apresenta a realidade. Não diz que assim vai ficar, mas assim está e, diante disso, o que podemos fazer? Onde estaria a resposta? Investimento no professor? Melhores salários?

Escola em tempo integral? Índices internacionais de desempenho provaram que investir nestes três aspectos provoca um salto de qualidade. Um exemplo é a Finlândia, que provou que investir na qualidade de professor é mais eficiente que investir em outros aspectos, como a redução de alunos por sala (outro problema no Brasil).

O que nos falta ainda? Alguns fatos: melhor merenda escolar; escola integral de qualidade (para poder investir em outros aspectos da educação que vão além das matérias básicas, como esportes, lazer, etc); investir na qualidade do ensino superior e não somente na quantidade de novas universidades; investir na inclusão do ensino médio; não precisar depender de cotas para ingresso universitário; combater o analfabetismo funcional; formar cidadãos críticos e não reforçar o *status quo*.

Se toda ação pedagógica é considerada como uma violência simbólica porque é uma imposição de um poder arbitrário, as relações de força encontram-se sempre dissimuladas sob a forma de relações simbólicas. Permitir a autonomia e a crítica pode evitar a dominação simbólica neste sentido. Claro que nem tudo é o otimismo radiante de Paulo Freire (fato ratificado por Moacir Gadotti no prefácio do livro “Educação e mudança”). Porém, moldar mentes humanas acrílicas ou em formação é mais fácil do que corromper os instruídos. Foi o que o professor americano Ron Jones conseguiu provar em uma escola de ensino médio (*high school* americana) em 1967, através do experimento social “Terceira Onda” - que visava demonstrar que mesmo as sociedades democráticas não estão imunes ao apelo do fascismo.

Rozinaldo Antonio Miani (2012), ao considerar a cidadania como o conjunto de processos e práticas sociais que atuam na perspectiva de atendimento das condições preconizadas pelo Estado de Direito, reconhece que desde o início da década de 1990 a história política brasileira vem sendo marcada pelo discurso da cidadania. Trata-se, porém, de uma cidadania precária e intrínseca à ordem do capital e que expressa os processos de disputa



pela hegemonia no seio da sociedade brasileira. Usando Bakhtin, o autor menciona (2012), os fenômenos ideológicos das palavras, de modo a apontar as ambivalências no discurso da cidadania.

O reconhecimento da plurivalência social de todo signo nos leva a considerar que a palavra “cidadania” expressa múltiplos sentidos dependendo da posição sociopolítica e econômica ocupada pelo enunciador, no caso desta reflexão os conglomerados midiáticos ou as organizações políticas da sociedade civil. (MIANI, p. 02, 2012)

As palavras de Rozinaldo Mani servem para nos fazer refletir sobre a idéia de cidadania transmitida pela mídia, especialmente no caso retratado, de mídia televisiva. Segundo ele, a cidadania funcionaria, como uma eficiente estratégia política e discursiva para favorecer o estabelecimento de certa consensualidade entre os diversos interesses dos grupos e das classes sociais, conquistada através do estabelecimento de negociações paritárias, amortizando e ocultando as reais contradições e antagonismos que fundamentam a sociedade capitalista (2012, p. 02)

Concordaremos com as estatísticas, as entrevistas e os dados que nos apresentam a série de reportagens: apesar das melhorias no campo da educação, estamos muito longe da velocidade e da qualidade que o país necessita. Apesar da nossa riqueza material e cultural, nunca seremos considerados desenvolvidos sem mentes treinadas. Não somente por intelectuais de elite. Mas por uma população que não seja dominada por outros estratos de maior capital econômico e cultural. A educação é um aspecto onde estes dois capitais aqui não se equivalem. Se somos a sétima economia do planeta, ocupamos o 53º lugar no Pisa (prova que avalia estudantes de 65 países). Para formar cidadãos plenos, mudar esse quadro é urgente e necessário. O Estado está aí para fazê-lo, os cidadãos e a mídia para cobrar e fiscalizar.



REFERÊNCIAS

ATISANO, Regiane Aparecida. **A educação sob o enfoque de Émile Durkheim**. In: Sociologia e Educação – Leituras e Interpretações. CARVALHO, Alonso Bezerra de; e SILVA, Wilton Carlos Lima da. (org). São Paulo: Avercamp, 2006.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **A representação iconográfica da cidadania na história política do Brasil no final do século XX**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

A ONDA. (Die Welle, 2008). Direção de Dennis Gansel. Filme longa-metragem, 101 min, cor, idioma alemão.

SOMMA NETO, João. **Jornalismo de Televisão instrumento de cidadania**. (Artigo em processo de publicação) 2013.

Jornal Nacional - Educação, o desafio da qualidade – Introdução. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=bR7bHdewpAQ>> Acesso em 12 de junho de 2013.

Jornal Nacional - Educação, o desafio da qualidade - Ensino Fundamental. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=0QCUTVVFfn0Q>> Acesso em 12 de junho de 2013.

Jornal Nacional - Educação, o desafio da qualidade - Ensino Médio. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=qsSivW5EkvI>> Acesso em 12 de junho de 2013.

Jornal Nacional - Educação, o desafio da qualidade – Professores. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=YPum3S5WYP4>> Acesso em 12 de junho de 2013.

Jornal Nacional - Educação, o desafio da qualidade – Exemplos. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=2QaDyWxqd2E>> Acesso em 12 de junho de 2013.